

SÉRGIO MATTOS

BATALHA DE NATAL
E
OUTRAS CRÔNICAS

Centro Editorial e Didático da UFBA
Salvador – Bahia – Brasil
1978

Copyright – Sérgio Mattos – 1978

Capa e ilustrações de
Yranir Paschoal de Moura

Direitos desta edição reservados ao
Centro Editorial e Didático da Universidade
Federal da Bahia.
Este livro foi composto e impresso na
Gráfica Universitária no mês de abril de 1978

Dedico este livro a

Minha mulher, aos meus filhos Paula e Rafael,
aos meus pais José de Castro Mattos e
Maria Helena Soares Mattos, e aos amigos:
Ailton Sampaio, Calasans Neto, J. Arthur, Ivan
Dorea Soares, Pedro e Zenaide de Medeiros
Chaves e Raul Sá.

OBRAS DO AUTOR

Livros:

Nas Teias do Mundo. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia (Ex-=IOB), 1973, 50 p. (Poesia-esgotado).

Cinco Poetas Contemporâneos. Salvador, Edições Contemp, 1974. 76 p. Coletânea poética reunindo Sérgio Mattos, Zilmérico Oliveira, Hildemário Rios, Geraldo Coni Caldas e Luiz Ademir Souza. (Poesia- esgotado).

Estudos de Comunicação. Salvador, Gráfica Ediora Arco Íris, 1975, 25 p. (Ensaio-esgotado).

Retina. Salvador, Gráfica Universitária, 1975, 160 p. Coletânea poética reunindo Vera Matos, Santos Gonzaga, Lusmar Oliveira, Sérgio Mattos e Vera Gondim. (Poesia – esgotado).

O Vigia do Tempo. Salvador. Gráfica Universitária, 1977, 63 p. (Poesia).

Revistas:

Experimental. Salvador, Revista de poesia, participação nos nºs 1, 2 e 3, 1968 e 1969. (esgotado).

Conclave. Salvador, Revista de poesia, participação no nº 3, 1969. (esgotado).

O Saco. Fortaleza, revista literária, participação nº 3, 1969. (esgotado).

M444 Mattos, Sérgio, 1948 –
Batalha de Natal e outras crônicas.
Salvador, Universidade Federal da Bahia, Centro Editorial e Didático, 1978.
54 p.

Publicação conjunta: Oliveira, José Felício de. Contravento, crônicas.

1. Literatura brasileira – Crônicas
I.Título.

CDD B869.3
CDU 869.0(81)Mattos



SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Batalha de Natal	13
Agnaldo das Meninas	17
Estórias que contei	21
Pato Apaixonado	25
Devagar para não cair	27
Carnaval ameaçado	29
Os sócios de Rafael	33
O tempo da tabuada	35
Pescaria sem vara	37
Revolta dos cartazes	39
Quebra de juramento	41
Ovos de ouro	45
Amigo de estimação	47
O professor	49

APRESENTAÇÃO

Entre os muitos jovens baianos que buscam uma afirmação pessoal através da expressão literária, Sérgio Mattos é um destaque nítido. E isto talvez por ser um jornalista profissional que, antes ainda do diploma universitário, aprendeu a ciência da comunicação na prática diária das redações: o impacto, a verdade e o colorido daquilo que se comunicação concentrados no espaço curto e medido, a busca permanente da síntese, o enfoque direto e a simplicidade como elementos básicos da comunicação tornada mais fácil e universal.

Isto marca muito a poesia que ele faz, seu caminho mais particular no exercício literário da palavra. Versos já publicados situam-no entre aqueles poetas de voz clara, aparentemente sem mistério, de poemas breves, nos quais ideias, sentimentos e sensações são despojados ao máximo, não como alguém que busca pureza através do refinamento apurado da expressão, mas como quem parte dela – Sérgio Mattos apenas começa – , a traz do berço e é incapaz de pronunciar-se de outra forma. Sua tarefa é, portanto e até certo ponto, o inverso do habitual: cabe-lhe adensar o conteúdo de sua cosmovisão, acentuar-lhe a música dos valores que irá descobrindo e tornando seus, elevar literariamente essa simplicidade e essa facilidade de comunicação que lhe são naturais.

As crônicas deste livro, também escritas por imposição de espaço vagos em páginas interiores de jornais diários, sob a ditadura do tempo exigente e implacável da redação, mostram as mesmas características. Têm, no entanto, um traço de unidade flagrante: as lembranças da infância desse baiano do Ceará. E um valor de busca que as define: o autor tenta recriar as imagens da meninice com a linguagem da criança, obediente ao caótico do garoto que fala de si mesmo – e isto dá a todas elas o selo deste quase absurdo: experimente-se pedir a uma criança que reconte sua experiência vivida, tão próxima e livre da memória, que se terá precisamente uma dessas crônicas de Sérgio Mattos.

JAMES AMADO

Batalha de Natal

Não sei porque, naquele Natal, estávamos de posse de vários foguetes. A origem deles não vem ao caso. Importante é que os foguetes estavam com o grupo. Uma turma da pesada que se encontrava em pé de guerra com a outra do quarteirão vizinho.

Naquele tempo, as batalhas eram indispensáveis. Nenhum inimigo se arriscava a pôr os pés em território alheio, salvo se acompanhado dos pais ou de um adulto qualquer.

As batalhas geralmente eram combinadas, com declaração de guerra e todo o requinte necessário. As armas utilizadas iam de bombas de barro seco – pequenas bolinhas de massapé secas ao sol – e de artilharia leve.

A artilharia era composta de uma brigada armada de badogues (estilingues ou baliadeiras). A munição era facilmente adquirida nos terrenos baldios. Os alforjes estavam sempre carregados de mamonas, que eram colhidas aos cachos.

Quando havia declaração de guerra, era pra valer. Naquele Natal, as coisas estavam bem. Um tratado de paz havia sido assinado entre os grupos

conflitantes, porque uma construtora estava acabando o nosso arsenal de mamonas para construir uma casa naquele terreno.

Porém, a paz só foi mantida por pouco tempo. O grupo da quadra vizinha à nossa conseguiu munição melhor: coquinhos de babaçu.

Nosso grupo atacado não teve outra solução que não fosse a reação. E ela foi esboçada: Passamos a usar os foguetes de São João como arma. Munidos de foguetes passamos a ser temidos côm grupo mais fortemente armado e fomos atacados por todos os outros que não queriam ser subjogados nem tão pouco derrotados.

O resultado da batalha, em pleno Natal, foi o desmaio de um carregador. O homem acabava de sair de trás de um caminhão quando o foguete foi disparado. A explosão ocorreu próxima a seu peito nu. O susto foi tão grande que o desmaio foi iminente.

Uma velha, que corujava a brincadeira, de uma janela próxima, botou a boca no mundo:

– Moleques , mataram o homem . – E, gritando, pedia o auxílio da Polícia.

Aos gritos da velha, os grupos se uniram e abandonaram o campo de batalha. Minutos após estavam reunidos no campo de futebol, do bairro que ficava numa clareira natural da mata próxima às nossas casas.

Lá, amigos e inimigos, todos juntos, lamentavam a chegada imprudente do carregador. Todos sabiam que ele não tinha morrido como a velha queria, pois o foguete, disparado na horizontal, explodiu ao chocar-se com a carroceria do caminhão.

A brincadeira foi encerrada. E o desmaio do carregador serviu de lição:

Com fogo ou arma de fogo não se brinca e se a mamona tinha acabado, a guerra também devia acabar. Daquele dia em diante toda a criançada da vizinhança se reunia para caçar calangos e lagartixas. E aquele que caçasse o maior número deles, receberia de cada um dos caçadores uma moeda de tostão.

A pequena fortuna reunida, geralmente era empregada na compra de uma baliadeira nova. Daquelas vendidas nas feiras livres, pois as utilizadas e confeccionadas pelos próprios grupos não eram das melhores, o que prejudicada a pontaria.

E foi assim que, naquele Natal, acabamos de uma vez por todas as batalhas entre os grupos das quadras existentes no bairro e passamos a caprichar a pontaria, que, na pior das hipóteses, poderia nos dar uma baliadeira com couro novo, toda forrada e colorida.

Agnaldo das Meninas

Agnaldo, um escriturário bem falante e que trabalha na Secretaria da Agricultura é um caso sério. Meia Bahia deve conhecê-lo, nem que seja de nome. Aliás, nesta mesma Secretaria existe também uma outra pessoa muito conhecida. Trata-se de Chico Pelotaço, que está sempre participando de esquemas e que merecerá ainda uma menção à parte.

Agnaldo, muito magro, é bem falante, bom chapa, prestativo e boa pinta, do tipo *sui generis*.

Está sempre contando suas conquistas, cheias de suspense e humor. Ele é um conquistador que utiliza um papo envolvente, composto de uma série de palavras difíceis e frases decoradas, que em determinadas situações impressionam, e muito. E, até que a conquistada descubra ser uma vítima, ele já tirou uma lasquinha.

Nas esquinas, bares e bailes, o Agnaldo das Meninas, como é conhecido entre os amigos, está sempre disposto a passar uma cantada. Para tanto, não mede dificuldades e segundo estatística que costuma apresentar, não houve garota cantada que resistisse às suas tiradas, no mais puro estilo Beto Rockfeller – personagem de uma novela que lhe causou grande influência na vida.

Estória que contei

Todos nós, quando crianças, mal criadas ou não, temos a tendência de profetizar o próprio futuro.

Tem o que pretende ser cadete, o que deseja ser doutor, aviador, cobrador d ônibus, motorista e caminhão e assim por diante. Eu pretendia Sr comerciante. Um vendedor de animais. Foi pensando assim, nos meus seis anos de idade, que consegui ganhar um casal de preás.

Pouco tempo depois, já não havia, em minha casa, lugar onde não tivesse um preazinho novo. Eram tantos que quando fiz a primeira comunhão fiquei pensando que aquele casal devia ter ouvido o sermão do padre Antônio sobre o “Crescei e multiplicai-vos”.

Se não ouviram, pelos menos adivinharam. Pois bicho para saber multiplicar bem estava ali. Isto eles sabiam fazer. Talvez melhor do que estes computadores sofisticados que andam por aí.

Para alimentá-los, parte do dia passava à procura de capim. Era uma trabalhadeira danada.

Para todo aquele trabalho consegui a ajuda de Rosinha, irmã do Caçador de Gatos, do Cabecinha e do Xará, em troca de uma próxima ninhada.

Até namoradinha eu consegui com meus preás.

Finalmente, passando um dia pela feira do bairro, senti aquele estalo responsável pela descoberta de grandes invenções: vender preá excedente na feira podia ser um bom negócio. Lá vendiam galinhas, patos e perus. Por que não preás?

Foi um Deus nos acuda. A vizinhança a falar. Minha mãe a reclamar, a me prender e a doar preás. Apesar disto, o dinheirinho não parava de entrar.

Algumas pessoas, encantadas, apregoavam o tino comercial inerente “naquela criança...”, e eu não parei aí.

Quando os preás terminaram, iniciei, nas latas de leite vazias, a cultivar os mais variados tipos de plantas. Montei um tablado na porta de casa e comecei a vender meus produtos pela vizinhança.

Principalmente ao velho Aderbal, criador de periquitos australianos, a quem convenci trocar um periquitinho, por espadas de São Jorge. Feita a troca, minhas atenções se voltaram para o mundo dos pássaros.

Consegui uma rolinha, alguns pombos e um canário pé duro, até que a barulheira e a sujeira levaram meu pai a dar um fim na criação de aves e eu mudei de profissão.

Passei a imaginar que seria um grande contador de estórias. E deste dia em diante, frente a meus irmãos menores, munido de palitos de fósforo queimados e caroços de feijão, ficava a inventar as estórias mais absurdas do mundo.

Meus irmãos as ouviam e assistiam a locomoção dos objetos citados, os protagonistas das aventuras.

Recordo-me que a narrativa era tão emocionante, pelo menos para crianças, que um dia meu irmão mais novo chorou muito ao termino de uma das aventuras, e eu fiquei proibido de contá-las novamente.

É, mas não foi por causa da estória que ele chorou. A verdade é que naquele dia consegui pegar algumas tachinhas na gaveta de ferramentas do papai –, que serviam, e bem, como soldados figurantes daquela última aventura, na qual muito morreram, ficando com as pontas para cima, onde meu irmão sentou.

Pato Apaixonado

Quando meu pai se mudou para aquela casa, nunca imaginei que fôssemos criar patos e observar de perto um romance que culminou com a morte do pato apaixonado.

A casa tinha jardins na frente e nos lados. Nos fundos, um imenso quintal com bananeiras e um lindo pé de limão. Foi nesta casa que um pato morreu de fome, porque estava apaixonado pela pata errada.

É isso mesmo. Ele morreu de paixão ou, melhor dizendo, por causa dela.

O pato apaixonado era ainda adolescente. Esbelto, gostava de nadar. Suas penas azuladas brilhavam ao sol, principalmente quando estavam molhadas.

Era um pato faceiro e vivia como rei entre as patinhas. Era o único, até o dia em que o pato branco foi comprado. O pato branco era grande, temperamental, e não foi difícil dominar aquele harém sem problemas de ordem racial, pois tinha pata de tudo quanto era cor. Só não tinha mesma pata de cavalo.

Daquele dia em diante, nunca mais o pato apaixonado pôde aproximar-se de sua preferida. Uma patinha malhada.

O pato apaixonado já não podia nadar, já não podia comer, já não podia namorar. Pobre pato apaixonado, a todo instante era escorraçado pelo pato branco.

Aos poucos foi definhando. Ficou tão magro o pato apaixonado que um dia foi executado na presença de todos que, em silêncio, rodearam a velha empregada que cortou o seu pescoço de um golpe só.

Com o pescoço ainda pendurado pela pele, sem estrebuchar como outros degolados, o apaixonado conseguiu ainda aproximar-se de sua amada para um último adeus.

Acabou de morrer aos pés da preferida sob fortes bicadas do pato branco, forte e indesejável.

Ao morrer o pato apaixonado, uma barulheira infernal fez-se ouvir. Os patos pareciam estar chorando. Eu também chorei, pois aquele foi o primeiro pato que tive nos meus oito anos de vida.

Fiquei triste.

Dias passados, descobri o pato branco isolado dos demais. Ele deve ter sido condenado naquele harém pelos seus atos: roubou a pata alheia, assumiu o poder com violência e só batia em pato fraco. Ele acabou recebendo uma patada final, pois apareceu morto e até hoje ninguém sabe explicar como isso aconteceu.

Devagar para não cair

É difícil a gente falar sobre uma coisa querida, principalmente quando não se trata de gente.

Mas, vale a pena tentar.

Tive um Gordini, o Gordo, que era teimoso, mas de um conforto fora do comum. Era um carro grande, pelo menos tinha quatro portas. Ao entrar nele, me sentia outro. Afinal de contas, era o primeiro carro.

Que satisfação!

Que alegria! Pena que fosse tão teimoso. Sua buzina só tocava nos dias chuvosos, quando resolvia empacar que nem jumento. Só andava empurrado. Diziam os entendidos que carro também tem manha e aquele tinha pegado uma daquele tamanho...

E abriam os braços para dimensionar o tamanho da manha.

Certa vez, triste porque ficou de nariz machucado, do coice que levou de um Corcel, o Gordo passou a chorar quase que diariamente.

O pior é que ficou doente também. O seu metabolismo passou a funcionar mal e raro era o dia em que não amanhecia com disenteria. No chão era aquela poça escura e viscosa.

Daí para frente, seu comportamento foi de um verdadeiro velho caduco. Digo, de um carro velho.

Imaginem que chorava tanto , pelo radiador, que me dava medo. E por isso sempre estava pensando nos riscos da desidratação e passei a andar com um litro de água bem à mão.

Entretanto, isto não era tudo. Como sua disenteria piorava, diariamente tinha que tomar um litro de remédio: um óleo, que não era de rícino.

O tempo passou. Dele tive pena e resolvi levá-lo ao mecânico. Peças foram substituídas, numa verdadeira cirurgia plástica. O Gordo ficou como novo. Rejuvenesceu mais de dez anos e, naquela época, o segredo da longevidade também ainda não tinha sido descoberto. Quando saiu da oficina, não tinha quem o segurasse.

O impulso que tomou foi demasiadamente forte para seu velho corpo. Não agüentou as explosões mais possantes e seu coração parou de bate.

Estava tão envenenado que bateu biela. Foi para o cemitério, mas sua alma continua vagando lá por casa, pois foi o meu primeiro carro e dele nunca mais esquecerei.

Aliás, ele me ensinou uma lição: Para chegar em cima, temos que subir degrau por degrau. Devagar para não cair.

Carnaval ameaçado

Faltava pouco mais que dois meses para o carnaval.

Os gatos pretos, brancos e pardos sumiam de circulação. Já na saída da toca. Os gatos pretos, brancos e pardos fugiam para não virar tamborim.

Ninguém via gatos. Nem ratos. Era raro se ouvir um miado até o dia em que os resultados daquela notícia ameaçassem seriamente o prestígio de nosso carnaval.

A notícia, divulgada por um jornal baiano, falava de uma invasão de ratos num País da América do Sul. O título dizia, em letras negras, que aquele País precisava de gatos para combater os ratos.

Passaram-se três ou cinco dias e a redação do jornal foi invadida por três rapazes – um branco, um preto e um mulato. Eram caçadores de gatos, portanto não deviam ter cores definidas, pois todo caçador de gato no escuro também é pardo.

– Nós precisamos de ajuda. Estamos com duzentos e tantos gatos no quintal – disse um.

– A vizinhança já está pensando em chamar a polícia devido ao barulho – disse o segundo.

– Nós já gastamos muito dinheiro comprando gatos brancos, pretos e pardos. Já não temos dinheiro para comprar comida nem saco para pegar ratos na praia. Precisamos exportar com urgência os nossos gatos. Com quem podemos nos entender para mandar os gatos caçarem os ratos invasores? – indagou o terceiro.

– Exportação é com a Cacex – obtiveram a informação.

Partiram. Três dias passados retornaram com pequenos fardos às costas. Eram amostras da mercadoria que queriam exportar: gatos pretos, brancos e pardos.

Estavam tristes. Gato era um produto que não constava na lista de exportação. Talvez o Governo não tivesse compreendido ainda o real valor dos gatos pretos, brancos e pardos.

Revoltados, os caçadores falaram do dinheiro que gastaram com os duzentos e tantos gatos – alguns apanhados nas ruas, outros comprados...

Consultado, explicamos aos caçadores que se o Governo exportasse gatos, o Brasil poderia ser invadido pelos ratos. Se o Brasil exportasse gatos pretos, brancos e pardos, os tamborins não mais seriam ouvidos no carnaval. E assim por diante, até que eles se convenceram que exportar gato a vinte contos podia ser bom negócio, mas vender couro para tamborim e churrasquinho de gato nas esquinas do brega era muito melhor.

Saíram com seus fardos de gatos pretos, brancos e pardos e nunca mais voltaram.

Felizmente, gato ainda não é produto de exportação.

Os sócios de Rafael

Fui estudante interno.

E só quem esteve interno em algum colégio sabe como é gostoso recordar certos fatos.

Lembro-me de um colega, filho de pais ricos, que muita merenda recebia e todo mundo dela comia (escondido, é claro).

Tendo descoberto que sua empresa, a Merenda S. A., não rendia o suficiente, Rafael – vamos assim chamá-lo – passou sete chaves em seu tesouro. Porém, no dia em que chegou o caixãozinho de doce de leite, logo uma chave mestra apareceu e o nosso empresário só descobriu os sócios após ter consumido a metade do conteúdo.

Isto porque, enquanto ele comia o doce por um lado, toda a sua turma comia pelo outro.

A descoberta de tal sabotagem provocou verdadeira fúria, contida apenas pelo excelente bom-humor de Rafael que logo se pôs em campo para descobrir quem de seu prato comia.

Urgentemente providenciou a substituição da caixinha de doce por outra mais nova e mais cheia. Os sócios, escondidos, saboreavam a próxima

investida, enquanto olhavam a caixinha ser guardada embaixo de alguns livros.

Bastou ele se afastar para que o tesouro fosse atacado pelos piratas que se banquetearam a valer.

À noite, no dormitório, Rafael montava guarda frente ao sanitário, enquanto uma fila enorme pedia pressa ao que ocupava o vaso. Todo mundo tinha dor de barriga, inclusive o Rafael que se embola de tanto sorrir.

Ele tinha colocado um pozinho – até hoje não sei de quê – no doce que ser viu de isca para os sócios desconhecidos. E foi assim, na porta de um sanitário que Rafael conheceu todos os sócios. Um a um, sem falar nenhum.

O tempo da tabuada

No tempo da tabuada, tudo representava deslumbramento, tudo era doce como o “quebra-queixo” que todos os dias eu comprava.

Naquele tempo, ônibus não tinha torniquete e a gente desponjava pela traseira. Era pura traquinagem. ALUNO USAVA ERA LÁPIS MESMO. Caneta? Só para os mais adiantados. Mas, o bacana mesmo era ouvir a novela “Jerônimo, o herói do Sertão” e os mambos de Xavier Cugat.

Naquele tempo, menino usava calça curta com suspensórios. Estava na moda, mas ninguém gostava de usá-los, afirmando ser coisa do tempo do vovô.

O corte do cabelo era do tipo “escovinha”, mas todos já sonhavam com o corte “maracanã”. O chato era que no final das contas, sempre quem decidia o tipo de corte era a mãe do menino.

A banana é que era barata. Uma dúzia custava um tostão. Não era grande coisa, mas aqui prá gente, que satisfação fazer comprar com o

papai. Sentia-me crescido, importante, mais velho, uma porção de “coisas importantes” para as crianças, pois gene grande não entende disse não.

Castigo grande foi aquele que “fessora” Isabel me deu. Imaginem que, em plena sala de aula, bem na frente de uma porção de meninos, “ela me botou” sentado no meio das meninas – Hoje em dia não tem mais separação, pois até menino gosta de agarramento.

Como os tempos mudam...

Chi! Que vergonha eu passei. Os meninos “mangaram” de mim todo o tempo. De outra feita foi quando comecei a namorar a Rosinha. Toda tardinha eu fugia de casa e ia brincar em sua casa. A gente sentava na calçada e ficava um tempão danado, os dois sozinhos, sem dizer uma só palavra.

Um dia fiquei um tempinho a mais e acabei ficando sem a **matinée**. Mas valeu a pena, sabem? – Isto porque do tempo da infância nunca mais esquecerei. Foi a época da palmatória (eu a peguei). Estava caindo de moda e o que estava em uso era uma régua bem comprida e grossa.

Fim de mês, era fim de mundo: O boletim estava cheio de notas vermelhas. E lá em casa, o pau quebrava. Eu tinha que aprender a tabuada: Seis vezes seis? Trinta e sei... Oito vezes oito? Sessenta e quatro... E assim continuava ate a hora em que os números se decidiam a sair da tabuada e vinham cá para a pontinha da língua. Aí sim, eu podia brincar novamente.

Pescaria sem vara

Não conheço uma única pessoa que, durante o tempo de estudante, não tenha “pescado” pelo menos uma só vez.

Existem aqueles que, ostentando anéis faiscantes de doutores, ofuscam muita gente e procuram negar este fato. Entretanto, todos, homens e mulheres, já participaram esportivamente de uma “pescaria” sem vara e sem anzol: a pescaria dos estudantes.

Lembro-me de um deles, Carlinhos. Colega de internato, que, necessitando cinco pontos numa prova final de latim, recorreu à “pesca” como última esperança de manter a fome de ser aprovado

Durante uma semana ele preparou, ponto por ponto, escrevendo-os em longas tias de papel e com letras bem pequenininhas.

Seus companheiros não paravam de gozá-lo devido àquela paciência infinita. Alguns afirmavam até que todo aquele esforço de nada adiantaria, vez que o padre titular da disciplina não dava a menor chance para qualquer tipo de consultas.

Ele continuou a preparar os pontos.

No dia do exame, dentre os 5º colegas, Carlinhos era o mais tranquilo. Além de possuir todos os pontos em mãos, praticamente os tinha decorado ao copiá-los um a um.

Feita a escolha do ponto, o maior pescador que já conheci na paróquia pediu para ir ao sanitário. Lá, desfez-se dos outros pontos e armou sua máquina, que consistia em um lápis, um carretel e borrachinhas de prender dinheiro.

Como naquele tempo as calças não eram tão justas, o pescador introduziu por uma das pernas a tira de papel, prendendo uma extremidade à borrachinha atada ao lápis contido entre os dedos do pé, e a outra, amarrada ao carretel, preso ao cóis da calça.

Ao dobrar a perna na posição normal de que está sentado, o pescador ficava possibilitado a puxar o carretel seguido da tira de papel até quase o joelho. Isto lhe permitia conferir os dados que ia acrescentando na prova.

Ao menor pressentimento da proximidade do padre, bastava-lhe soltar o carretel e esticar a perna que o ponto se escondia automaticamente dentro das calças.

Carlinhos conseguiu o seu intento. Foi aprovado com louvor, e seu engenhoso equipamento de pesca serviu também para que descobrisse um novo método de estudo.

Inteligência não lhe faltava. Faltava-lhe, sim, um método de estudo. No ano seguinte, ele passou a ser um dos melhores alunos de sua turma no internato. Sabem como? Simplesmente, o Carlinhos passou a copiar, seguidas vezes, todos os pontos que eram dados pelos professores.

Hoje, ele é um aplicado professor, ensinando em um Colégio da Cidade. E, apesar de ter sido um exímio pescador, não admite pescas, mas está sempre disposto a ajudar os alunos no que for preciso.

Revolta dos cartazes

Todos nós temos sempre uma mania de colecionar. Seja lá o que for. Há quem colete selos, carteiras de cigarros, chaveiros e uma porção de outras coisas.

Certa vez iniciei uma coleção de cartazes. Preguei alguns na parede do quarto. Mais precisamente, na parede do interruptor de luz, e um dia aconteceu.

Ficou tudo escuro. Forcei os olhos, mas foi besteira, não adiantou. O quarto estava feito breu e eu não conseguia ver um palmo à frente do nariz. Tentei ligar a luz e não consegui, pois os cartazes me impediam – a eles eu conseguia ver, apesar de tudo –. Olhavam-me ameaçadores. Pareciam ter ódio.

Foi então que fiz uma descoberta: foram os cartazes que apagaram a luz. Sim, foram eles que pareciam ter vida. Pareciam tão reais que o medo sentido aumentou quando iniciaram o interrogatório:

– Foi você?

– ...

– Você sabia? Nós não queríamos. Foi tudo sua culpa. Você é o culpado.

– ...

E continuaram a fazer ameaças e perguntas, Perguntas e ameaças mais, enquanto o medo obrigava-me a balançar a cabeça afirmativamente. Foi exatamente este balancear que me foi tirando daquela torpeza e o medo foi desaparecendo e a verdade surgindo por trás daquela nuvem escura que encobria todo o quarto de dormir.

A verdade, triunfante, foi, aos poucos, iluminando o ambiente e fui compreendendo os fatos: Os cartazes protestavam porque perderam a liberdade. Agora, não passavam de simples “cartazes pregados” e exigiam justiça. Liberdade... e o sonho continuou.

Quebra de juramento

Lembro-me como se fosse hoje.

Depois de um banho na represa e de navegar em balsas feitas de caules de bananeiras trespassadas por três varas e amarradas de corda, voltávamos para casa – distante uns três quilômetros – correndo pelo mato, pela trilha, pelo asfalto.

Na primeira bodega do caminho, descansamos e compramos bombas de parede e de riscar em caixa de fósforos também. Alguns foguetes, cobrinhas e bebemos água, muita água.

Era época de São João e os fogos já explodiam e iluminavam os céus de Recife. As quermesses das beatas estavam armadas. As rifas correndo. As listas de arrecadação para os licores passavam de mão em mão. Eram os espíritos de São João, Santo Antônio e São Pedro, que chegavam para ajudar os bestas a pular fogueiras e as mulheres a arranjar marido.

Morávamos próximo a um matadouro. As boiadas, nos dias certos, desciam aquela rua larga, enquanto as mães recolhiam os filhos e trancavam portas e portões. Momentos antes da boiada entrar na passarela,

um vaqueiro bem falante anunciava a sua chegada e o corre-corre começava.

Quando chegamos àquela rua, as portas já estavam fechadas. Éramos quatro. Aflitos, não sabíamos o que fazer e a manada estava crescendo. Cada vez mais perto.

De repente, Tião, o mais velho do grupo, teve uma ideia que, se não foi brilhante, pelo menos se pode dizer que o foguete brilhou nos olhos daquele animal.

Quando o pipoco começou, foi boi para todos os lados. Era vaqueiro caindo, boi pulando, cavalo correndo. Vaqueiro gritando, boi mugindo, cavalo morrendo. Portas se abrindo, o nosso grupo gritando, o medo chegando e os pés pregados ao chão.

A confusão era grande. O boi brabo da manada ciscou como galinha, abaixou a cabeça e partiu. Uma gritaria sem par. O vaqueiro caiu e sua montaria ficou no meio de uma poça de sangue.

Bastou aquela poça para a coragem chegar. Corremos. Corremos e corremos. Só voltamos de tardinha, com as caras mais limpas do mundo. Não sabíamos, não comentamos, nem vimos nada. Nós tínhamos jurado nunca tocar neste assunto...

Ovos de ouro

Todo mundo conhece a estória da galinha dos ovos de ouro. Aquela que acabou sendo morta devido à usura de seu dono. O cara julgou que, matando a rica galinha, encontrasse não um mapa, mas toda a mina de ouro, que em forma de ovos já vinha, de há muito, lhe assegurando o sustento da família.

A estória, em resumo, foi mais ou menos esta. Agora, aqui prá gente, galinha dos ovos de ouro quem teve mesmo foi um amigo meu, o Julinho.

A galinha do Julinho era uma galinha especial. Para início de conversa, basta dizer que ela nunca soube o que era terreiro, nem mesmo de macumba, pois morreu foi de velhice. Era uma galinha típica do desenvolvimento urbano das grandes metrópoles. Era uma galinha de apartamento, cheia de manha e que aprendeu vários truques para agradar o dono e ganhar sua ração estilizada: em vez de milho, a Vermelhinha era viciada em pipocas.

Ao amanhecer, o seu co-có-ri-có, em surdina, acordava o Julinho com uma pontualidade só comparável a um relógio suíço: sempre às seis horas em ponto. A esta altura o ovo e ouro já esperava o garotão sorridente

que começava a ganhar um ar de satisfação só encontrado nos magnatas. Hoje, Julinho é um dos maiores criadores de aves existentes no País.

O Julinho sabia que o ovo da Vermelhinha não era de ouro, mas ele sabia como transformá-lo em prata: vendia cada um deles a sua mãe, por um preço bem maior do que o preço por que era vendido no boteco da esquina. E assim, ia conseguindo dinheiro para o cinema, para a ração e para comprar o macho que foi responsável pela procriação de uma nova raça de galináceos, batizada de co-có-ri-có (por favor não confundam com carijó), mais tarde aperfeiçoada e que recebeu o nome de zebrina (de zebra), pois em vez de pintinhas pretas como a pedrês, a raça ganhou listras pretas, provenientes, quem sabe, da sombra das grades de sua gaiola.

Mas isto não vem ao caso. O importante é que Julinho teve sua galinha dos ovos de ouro, que foi o início de toda a sua fortuna. Em reconhecimento aos seus méritos, a Vermelhinha foi empalhada e está exposta no gabinete do Julinho como um troféu incentivador.

Julinho, que prosperou depois que adquiriu a Vermelhinha quando ela tinha apenas um dia de vida, não entende como avicultores sulistas podem ter a coragem de assassinar milhares de parentes da Vermelhinha, afogados.

Ao assistir cenas do extermínio cruel de tantos pintos, indignado, o Julinho desligou o aparelho de TV e desabafou:

– Puxa! Nunca vi crueldade maior. Garanto que se esses pintos fossem doados a cada garoto que encontrassem, era bem possível que dentro de alguns anos tivéssemos no País dezenas de outros criadores, ou quem sabe, de outros Julinhos, cada qual com uma raça apurada ou com uma estória de ovos de ouro, de cobre, de prata ou de galinha mesmo.

Amigo de estimação

Durante minha infância, entre muitos, tive um amigo de estimação. Era um carneiro.

Ele parecia até mascote do Corpo de Bombeiros. Era um companheiro inseparável, a ponto de me acusarem de estar sempre fedendo a carneiro. Para alguns vizinhos, meu amigo representava uma verdadeira ameaça.

Com ele eu brincava. Suava, Tinha alegrias e tristezas.

Um dia, ao cair doente, preso numa rede fiquei. Em compensação, de baixo dela meu carneiro não saiu. Ele era assim: um animal que sabia transmitir solidariedade.

Certa feita, por causa de uma vizinha que puxou minhas orelhas, meu mascote armou um senhor parangolé. Ciscou na calçada, marcou carreira e invadiu a sala daquela mulher metida a ser mãe dos outros.

Na invasão, “rumou” os chifres na cristaleira – só não afirmo se intencionalmente – e o resultado foi vidro, cristal e gritos para todos os

lados. Gente correndo, gente gritando, gente com cabo-de-vassoura, gente batendo no meu pobre carneiro.

Foi um Deus nos ajuda, mas conseguimos fugir em desabalada carreira.

Corremos cinco quarteirões além da zona de atrito. Horas passadas, mamãe encontrava-me sentado no meio-fio ao lado do amigo, cuja lembrança ainda existe em minha alma, mas cujo nome foi roubado pelo tempo.

Voltei sob promessas de que nada aconteceria ao mascote amigo. As promessas, quando não podem ser cumpridas, não passam de palavras vagas. E aquelas foram tão vagas que meu carneiro foi morto e crucificado, para satisfação dos vizinhos, na porta da garagem.

Quem pagou o pato foi minha família que teve de comer carne de carneiro por muito tempo.

Aqueles foram dias que não consegui olhar para a mesa. Meus olhos ficavam cheios d'água. Apesar da insistência da fome, eu não podia trair meu amigo de estimação. Não podia comer de sua carne. Não podia ver ninguém comê-la. Aquele carneiro foi um amigo total. Sacrificou-se por mim. Se não tivesse invadido a sala da vizinha, ele teria vivido muitos anos mais.

Amigo é assim mesmo. Se necessário, morre por a gente.

O professor

Dizer a verdade não é virtude de ninguém, mas uma obrigação. Porém, nem sempre quando se fala a verdade os outros acreditam. O fato ocorreu anos passados, aqui em nossa Cidade. Não foi um desfile militar, mas, aqui pra gente, foi uma verdadeira parada.

Os alunos já estavam impacientes com a indecisão da diretoria daquele colégio que, já há um mês do início das aulas, ainda não tinha indicado um professor de história para aquela turma do curso noturno.

Numa noite, quando todos já pensavam em ir embora, entrou na sala de aula um homem mulato, de estatura média, que tinha os olhos bem abertos como quem deseja ver mais que os outros ou como quem está com medo. Era o próprio, o professor de História.

Logo toda a turma constatou que medo ele não tinha. Muito pelo contrario, gostava até de contar fanfarronadas em hora de aula. Mas isto só foi descoberto com o passar dos dias. Tentarei reproduzir suas três primeiras aulas, procurando transmitir com a fidelidade que a memória permite.

O homem entrou na sala anunciando ser o professor Benício Souza (o nome é fictício) , o professor de História. O silêncio fez-se ouvir, não pela imponência, mas por ser uma verdadeira figura, digna de constar em quadros de humor da televisão brasileira. Quem não teve um professor curioso? Acredito que todos nós já tivemos até mais de um, mas isto não vem ao caso.

A curiosidade era grande. Benício jogou o paletó sobre a mesa, afrouxou o nó a gravata e, enquanto sentava, passou a turma em revista. Um a um. Olhando o pessoal bem nos olhos com ar de desafio.

Quando abriu a boca para dizer que não faria chamada, o pessoal da primeira fila anunciou que o homem estava cheio que o “bafo de onça” era sentido à distância.

Benício se levantou. Andou de um canto a outro da sala e quando passava, pela segunda vez, junto à mesa, deu-lhe um soco que serviu para tirar o restinho de sono que todo mundo já começava a sentir. A aula era a última da noite.

Após o soco começou:

– Hoje, nós vamos ver a evolução do homem. Quando pegamos uma enciclopédia, nunca deixamos de folheá-la – disse andando sempre de um lado a outro da sala, quase como quem conta os passos – . Abrimos numa determinada página e, de primeira, pensamos estar vendo um macaco. Ao apurarmos a vista, identificamos um homem. Na legenda da foto registra-se o nome de um atleta e diz o que ele está fazendo: “tomando uma ducha após uma partida de futebol”. Continuamos a olhar a enciclopédia, sempre passando páginas até que encontramos outro jogador. Vamos ler a legenda e ficamos assombrados: “Um chipanzé tomando banho”.

Toda a turma riu, e o Benício continuou.

– Como vocês devem ter prestado atenção, Darwin tinha razão. O homem veio do macaco. Assim, na aula de hoje vimos a evolução do homem, segundo Darwin. Por hoje é só, estão todos dispensados.

Os comentários foram os mais variados. Seria aquele professor desengonçado um gozador? Sem obter respostas, resolveram aguardar um aproxima aula para fazerem ideia sobre quem tinham como professor. Nas três aulas seguintes à primeira, o Benício não apareceu. Só retornou na que deveria ser a quinta aula, mas que não passaria da segunda.

– Boa noite, turma – disse de cara fechada. Hoje estou com muita pressa. Vou fazer um resumo do assunto e você se mandam;

Os alunos ficaram na expectativa, vez que a depender daquela aula tomariam as providências para substituí-lo.

– A invasão marciana é o nosso assunto, anunciou enquanto toda a turma ria e alguns pediam licença retirando-se daquele circo improvisado.

– Certa noite – começou –, um casal de namorados estava se agarrando no Jardim de Alá (naquele tempo o Jardim dos Namorados ainda não existia) debaixo dos coqueiros, quando uma luminosidade mais intensa despertou as atenções do casal que, voltando-se, presenciou um homem descendo do que viria a ser uma nave espacial. Com medo, o casal pensou em fugir e em uma porção de coisas mais, até que o homem começou a falar telepaticamente com os dois.

– Não tenham medo. Eu sou marciano e não estou aqui como inimigo. – E dirigindo-se à mulher – .Você está preocupada com estas antenas em minha cabeça? Não se preocupe, pois é através delas que fico

sabendo o que você está pensando muito antes de falar. Através delas fico conhecendo suas intenções e tudo o mais...

A mulher, boquiaberta, comentou:

– Interessante, aqui na terra quem tem isto na cabeça geralmente é o último a saber das coisas.

Concluindo, o Benício anunciou que na próxima aula seria uma “provinha” e que todos estudassem, pois ele não alisava. E isto foi dito de dedo em riste o que me faz parafrasear o título de um filme de bang-bang: Benicio não alisa, mata.

A turma saiu decidida a procurar o diretor do colégio e solicitar a substituição do professor e ao mesmo tempo pensando na boa nota que tiraria baseando-se nas duas aulas dadas e que, obviamente, deveriam ser os temas da prova.

No dia da prova, quando a turma chegou à sala, já encontrou o Benício que tinha, inclusive, feito uma arrumação nas cadeiras, a fim de separar o pessoal e evitar a pescaria. De cara fechada foi distribuindo os alunos pelos cantos e anunciando que teriam apenas meia hora para fazer a prova.

Todos riram. Também pudera, com a evolução do homem e a invasão marciana, todos teriam nota dez. Porém, quando o homem anunciou o tema único da prova, tenho certeza, muita gente ficou apreensiva:

– Falem sobre o caminho das Índias e suas vantagens. – E isto foi tudo.

Como a prova acabou mais cedo os alunos aproveitaram e se dirigiram ao diretor do colégio. Explicaram o caso e contaram as aulas com

minúcias. Quando acabaram, o homem disse que a substituição seria impossível porque Benício era catedrático e não adiantaria movimento algum contra ele.

Sáiram cabisbaixos e preocupados com o futuro. Felizmente, nas aulas seguintes o Benício começou a dar assuntos realmente previstos e que seriam pedidos no vestibular. A primeira aprova foi anulada, mas até hoje os alunos daquela turma devem se perguntar sobre o fim que teve este professor que não sabia honrar a sua classe. O seu fim eu não sei, mas quem me contou a estória viu, meses atrás, numa mesa de bar, o Benício, de cara cheia; Talvez tenha deixado de ensinar, quem sabe?